

## O CASTRO DE FIÃES

Por

**Carlos Alberto F. de Almeida**

**Eugénio dos Santos**

Com o patrocínio da Câmara Municipal da Feira<sup>1</sup>, a Faculdade de Letras do Porto retomou as escavações arqueológicas no Monte de Santa Maria, também conhecido por Monte Redondo, em Fiães, Vila da Feira.

O castro é conhecido desde há muito. Nele têm aparecido os objectos mais variados de acentuado interesse arqueológico, uns já dados a conhecer e outros ainda inéditos. Antes da publicação dos resultados da presente campanha de escavações, os autores destes apontamentos haviam resolvido dar uma notícia o mais completa possível sobre tudo o que se conhecia proveniente do castro, inventariando, ao mesmo tempo, diverso material esporadicamente recolhido e também ainda não conhecido. Porém, o encontro recente de diversos caixotes com espólio dessa estação, no Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, recolhido a partir

---

<sup>1</sup> Não podemos deixar de expressar aqui o nosso mais vivo reconhecimento ao Sr. Dr. Domingos da Silva Coelho, então presidente do município, fianense ilustre, pelas facilidades concedidas no reinício da exploração e a valiosíssima ajuda prestada em tudo o que estava ao seu alcance.

de 1924, tornou irrealizável este projecto<sup>2</sup>. De facto, o espólio aí existente, vindo de Fiães, é rico e muito variado o que exigiria longo trabalho e estudo, incompatíveis com as nossas disponibilidades de momento. Perante tanto material, apenas nos ficou a possibilidade de redigir uma notícia sumária, encarada de uma perspectiva historiográfica, reservando para ulterior oportunidade estudos tipológicos<sup>3</sup>.

A mais remota alusão conhecida ao castro<sup>4</sup> encontra-se num documento de Pedroso, que ao referir-se à «uilla» de Gualtar, lugar da actual freguesia de Fiães, a situa no «*territorio sancte marie subtus strata maurisca iuxta castrum feanes*»<sup>5</sup>.

O P.<sup>o</sup> Manuel Luís Coelho Ferraz, abade de Fiães, forneceu as seguintes informações, acerca dos vestígios arqueológicos da sua freguesia, para o *Dicionário Geográfico de Portugal*, do oratoriano Luís Cardoso:

*«Algũas antiguidades se descobrem nesta freguesia como são as seguintes. No sitio da Capella da Senhora da Conceição de que se fas menssam no interrogatorio 13 se tem per viroçimil ser pouoação de mouros porque see achão pedaços de paredes de cantaria; muito tijolo, e muita çinza, e caruoos, indicios de cozinhas. Algum dinheiro de cobre com figuras e outros crateres, cujos letrejros*

<sup>2</sup> Estamos gratos ao Sr. Dr. António Huet por nos ter revelado a existência deste espólio e pelo auxilio prestado na sua classificação.

<sup>3</sup> O estudo tipológico da abundante cerâmica só pode ser verdadeiramente encarado após futuras escavações, que hão-de permitir uma melhor definição das formas, sobretudo na cerâmica comum, e uma provável datação.

<sup>4</sup> A documentação dos «Portugalliae Monumenta Historica» que o P.<sup>o</sup> Manuel F. de Sá cita, pretendendo demonstrar que se refere a Fiães, não diz respeito a esta localidade.

Cfr. *Santa Maria de Fiães da Terra da Feira*, Porto, 1940, págs. 29-31.

<sup>5</sup> T. T., C. R., Pedroso IV.16. Devemos esta nota documental à gentileza do comum amigo P.<sup>o</sup> Domingos Azevedo Moreira.

*se não persebem; e tambem se achou hum [sic] moeda de ouro do tamanho de dezasseis tostões.*

*Tambem se descobre em outro ojteiro defronte da dita capela, enterradas debaxo da terra altura de dous palmos varias panellas, e salgadeiras de barro vermelho tapadas todas com louzas de pedra todas com seus letreiros ao parecer de letra mourisca; e dentro das tais panellas ossos, e caruoos, metais sem se saber que metal seja, pois tudo se acha quazi gasto; e dentro em alguns destes vasos se acharão copos de feitio de callis; e em hum dia se descobrirão mais de sincoenta vasos destes de que hoje não ha nenhuns, pois se quebrarão»<sup>6</sup>.*

O Prof. Mendes Correia, em 1925, escreveu na revista da antiga Faculdade de Letras do Porto *Nótulas Arqueológicas* sobre esta estação<sup>7</sup>, por ocasião de uns achados fortuitos e de uma pequena sondagem a que procedeu, as quais constituem, até ao momento, a mais completa notícia sobre a escavação.

Em 1938, Carlos Teixeira estudou dois objectos que, entretanto, aí apareceram — um peso romano e uma lucerna — e hoje se encontram no Instituto de Antropologia da nossa Universidade<sup>8</sup>.

O P.<sup>e</sup> Manuel F. de Sá, no estudo monográfico citado, nada acrescenta acerca do castro, limitando-se a transcrever Mendes Correia e Carlos Teixeira<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> A.N.T.T., *Dicionário Geográfico de Portugal*, tomo XV, pág. 411.

<sup>7</sup> A. A. Mendes Corrêa, *Nótulas Arqueológicas*, in «Revista de Estudos Arqueológicos», vol. II, 1925, págs. 89 e segs.

<sup>8</sup> Carlos Teixeira, *Nótulas Arqueológicas*, sep. de «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», fasc. III, vol. VIII.

<sup>9</sup> Cfr. Manuel F. de Sá, *Subsídios para a história de Fiaes da Feira*, in «Arquivo do Distrito de Aveiro», vol. V, 1938, pág. 159. Acrescenta, porém, que o espólio do castro foi adquirido, em 1938, para o Instituto de Antropologia.

Adília Alarcão, ao estudar a «terra sigillata» hispânica decorada<sup>10</sup>, referiu-se a seis fragmentos de cerâmica de Fiães e que M. A. Mesquiriz reproduziu<sup>11</sup>.

O primeiro dos signatários desta notícia, ao tratar de uma lápide funerária aí encontrada, também se referiu à estação, ainda mais recentemente<sup>12</sup>.

Devem-se, porém, ao malogrado arqueólogo Rui de Serpa Pinto umas notas manuscritas, acompanhadas de desenhos, que se guardam no museu anexo ao Instituto de Antropologia, as quais, segundo tudo leva a crer, se destinavam a uma publicação que haveria de constituir, quando pronta, o mais completo de todos os estudos sobre o Monte de Santa Maria de Fiães<sup>13</sup>.

Outros autores ainda se referem ao castro, mas de passagem<sup>14</sup>.

\*  
\*                      \*

A reconstituição do traçado da via romana entre *Aeminium* e *Bracara* tem levado alguns eruditos, dentre os quais salientamos Félix Alves Pereira<sup>15</sup>, P.<sup>o</sup> Miguel de Oli-

<sup>10</sup> Adília Alarcão, *Sigillata Hispânica em museus do norte de Portugal*, in «Revista de Guimarães», vol. LXVIII, 1958, págs. 282, 283, 287 e 290.

<sup>11</sup> M. A. Mesquiriz de Catalan, *Terra Sigillata Hispanica*, Valência, 1961.

<sup>12</sup> Carlos Alberto F. de Almeida, *Duas Inscrições Romanas da «Civitas Sanctae Mariae»*, sep. da revista Douro Litoral, vol. I, Porto, 1959.

<sup>13</sup> Ao Prof. Doutor Arnaldo Rozeira e ao Dr. Farinha Isidoro agradecemos todas as facilidades concedidas para trabalharmos sobre o espólio.

<sup>14</sup> Dentre todos saliente-se Arlindo de Sousa e em vários trabalhos. Em *Umica*, por exemplo («Arquivo do Distrito de Aveiro», vol. XX, 1954, págs. 163 a 176), deu notícia de lendas e crenças relacionadas com o castro.

<sup>15</sup> Félix A. Pereira, *Lancobriga*, in «Archeologo Português», vol. XII, 1907, págs. 36 e segs.

veira<sup>16</sup> e Arlindo de Sousa<sup>17</sup> a referirem-se ao castro de Fiães, situando aí a Lancóbriga do *Itinerário* de Antonino, que este coloca entre Talabriga e Cale, a 18 milhas da primeira e a 13 da segunda. Esta identificação ainda não está absolutamente garantida, embora nos pareça muito verosímil. Com efeito, é indiscutível que a «strata maurisca», citada na mais antiga documentação medieval da região e que passava em Fiães, é romana. Por outro lado, a distância que o *Itinerário* de Antonino dá de *Aeminium* a *Talabriga* e a *Lancobriga* e desta a *Cale* fá-la coincidir geográficamente com a zona de Fiães<sup>18</sup>. O aparecimento de alguns restos arquitectónicos (uma pedra de friso de um grande edificio, restos de colunas, que daremos a conhecer no relatório das escavações em curso, etc.), uma excelente ara dedicada a Júpiter e a grande importância que o castro teve, pelo menos desde os meados do século III, parecem abonar a hipótese de Lancóbriga aí se situar<sup>19</sup>.

O monte de Santa Maria, tanto pela sua situação como configuração, apresenta óptimas condições para ter sido escolhido para implantação de uma povoação castreja. Do lado norte, corre-lhe, ao fundo, o rio de Æs-Avessas<sup>20</sup>, afluente do Uima<sup>21</sup>. Desse lado, assim como de Nascente e Poente, o monte é íngreme, de acesso difícil.

---

<sup>16</sup> P.<sup>o</sup> Miguel de Oliveira, *De Talabriga a Lancobriga*, in «Arquivo do Distrito de Aveiro», vol. IX, 1943, págs. 44 a 68.

<sup>17</sup> Arlindo de Sousa, *Antiguidades do Concelho da Feira, Lancobriga*, in «Arquivo do Distrito de Aveiro», vol. VIII, 1942, págs. 129 a 152 e 206 a 221.

<sup>18</sup> O nome da povoação *Longroiva*, do concelho de Meda, pode provir, foneticamente, de uma localidade chamada *Longrovia*, como diz José Leite de Vasconcelos (*Religiões da Lusitânia*, vol. II, 1905, pág. 34, nota 3). É impossível, contudo, identificar essa povoação com a *Lancóbriga* citada no *Itinerário*, atendendo às distâncias.

<sup>19</sup> Fiães é uma localidade importante no séc. IV, a avaliar pelo espólio. Ora esse período coincide com a época da redacção do *Itinerário*.

<sup>20</sup> Assim denominado pelo povo por correr de Poente para Nascente, ao contrário do que é habitual.

<sup>21</sup> É corrente a localização dos castros em montes, junto a rios, tanto por condições de defesa, como por questões de satisfação das necessidades vitais.

Visto do lado do rio apresenta a configuração de um cone, donde lhe terá provindo a designação de Monte Redondo, como também é conhecido. O acesso mais fácil era o do lado sul.

Na vertente do lado de Nascente são visíveis ainda os vestígios da arquitectura defensiva do castro. Podem distinguir-se, no presente, desse lado, quatro séries de aterros que devem corresponder a outras tantas linhas de muralhas, embora só uma escavação completa nos possa vir a esclarecer sobre o conjunto do sistema defensivo.

O estudo da linha de defesa dos outros lados será extremamente difícil de se fazer porque as habitações e quintais anexos, que aí devem ter-se sucedido ininterruptamente ao longo dos séculos, lhe terão modificado completamente o aspecto. Se, por um lado, a circunstância de o lugar ter sido permanentemente habitado desde o época luso-romana teve efeitos destruidores, por outro, faz-nos acalantar a esperança de aí poder encontrar vestígios que se sucedam desde a época do bronze aos nossos dias.

O lugar de Vilar, situado na vertente do monte, tanto pelo seu nome como pela localização, foi o sucedâneo da população castreja.

\*

\*

\*

Diz-se habitualmente que a área da cultura castreja tem como limite sul o rio Douro<sup>22</sup>. Tendo em atenção os castros de Romariz<sup>23</sup>, Fiães e outros, teremos de concluir que o limite sul da cultura dos castros terá que englobar, pelo menos, a zona compreendida pela antiga Terra de Santa Maria. As raízes da civilização castreja, o seu desenvolvimento, quanto ela deva à anterior época do bronze a que sucede e as influências célticas e ibéricas que recebeu, bem como as diversas épocas

---

<sup>22</sup> Lopez Cuevillas, *La Civilización Celtica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1953, pág. 40.

<sup>23</sup> Preparamos um estudo sobre o assunto que virá a público brevemente.

destes impactos, constituem problemas para cuja solução os dados escasseiam, sobretudo porque as escavações não têm sido conduzidas de modo a poderem responder a estas interrogações. Temos, porém, a impressão que a típica cultura castreja se desenvolveu tardiamente tendo o seu «floruit» no séc. I d. C. e que a do bronze terá tido localmente grande perduração.

### ESPÓLIO

As considerações que vamos fazer sobre os restos arqueológicos recolhidos em Fiães terão muitas limitações porque grande parte dos objectos provém das camadas superficiais e achados esporádicos e da antiga escavação não possuímos qualquer relatório, nem quaisquer referências estratigráficas.

Quanto à arquitectura do castro nenhuns elementos conhecemos a não ser os muros de casas quadrangulares que uma fotografia de Mendes Correia mostra e que têm aspecto tardio<sup>24</sup>. No Museu de Antropologia guardam-se dois fragmentos de pavimento de casa, de saibro amassado e batido, o que, na época romana, é corrente em outros castros do norte do país e uma pedra decorada, a que o citado autor chama estela<sup>25</sup> (Est. I, 1). Efectivamente tal pedra não é uma estela, mas uma prisão de gado ou, menos provavelmente, um gonzo de porta. Em Fiães recolhemos, há anos, um fragmento de pedra com ornatos circulares de tema e técnica tipicamente castrejas (Est. I, 2).

\*

\*

\*

A época do bronze está documentada no castro, na sua fase final, por cerâmica e um machado de alvado, que se guarda no Museu de Etnografia e História, da Junta Distrital do Porto, o qual foi encontrado em 1883. Este machado, cuja

---

<sup>24</sup> Mendes Correia, *op. e loc. cit.*

<sup>25</sup> *Ibidem.*

liga metálica deve ser bronze, tem de comprimento 15,6 cm, pesa 1050 gr. (Est. I, 3). O gume mostra sinais de uso. O tamanho, forma e, sobretudo, a asa dupla fazem dele um exemplar tipicamente português<sup>26</sup>. O estado de conservação é bom e tem patine de cor cinza-escuro. Uma machada de pedra polida, de secção rectangular, com 9 cm de altura, largura sobre o gume de 7,5 cm e espessura, no centro, de 1,8 cm pode ser desta época (Est. I, 4). Alguma cerâmica feita exclusivamente à mão, com paredes relativamente grossas, pasta pouco apurada, mas de toque relativamente bom, cheia de areias, de cor escura na superfície exterior e avermelhada internamente, que aí tem aparecido, deve ser do mesmo período (Est. I, 5). A decoração que alguns fragmentos mostram, feita de sulcos lineares largos, é típica do bronze final e semelhante a alguma da Penha (Guimarães) e a outra de Terroso (Póvoa de Varzim). Uma pequena machadinha, de fibrolite, muito polida, aparecida no sopé do monte pode ser um objecto amulético da época romana<sup>27</sup>. Tem secção muito oblonga e mede de comprimento 3,5 cm, de largura máxima junto do gume 3,2 cm e de espessura cerca de 1 cm (Est. I, 6).

Entre os objectos de bronze da época castreja e romana aparecidos no castro há sete partes de fíbula, em mau estado de conservação e guardadas hoje no museu de Antropologia. Três são do tipo omega<sup>28</sup>, bastante deterioradas sem fuzilhão (Est. I, 7 e 8), de época tardia, certamente, e foram

---

<sup>26</sup> H. N. Savory, *A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa*, in «Revista de Guimarães», vol. LXI, 1951, pág. 368 e R. de Serpa Pinto, *Machados de bronze do Museu Municipal do Porto*, in «Portucale», vol. II, Porto, 1929, pág. 422.

<sup>27</sup> Dessa época era o que apareceu no Monte do Castelo, Rossas, Vieira do Minho. Cfr. Carlos Alberto F. de Almeida, *Uma Cabeça Romana de Bronze*, separata da «Revista da Faculdade de Letras», série de História, vol. I, Porto, 1970, pág. 6.

<sup>28</sup> Certos autores englobam estas fíbulas no tipo anelar, o que não nos parece exacto. A designação *anelar* deve reservar-se para aquelas cujo aro é uma argola redonda, com espessura constante. O aro da fíbulas em omega, além de aberto e com rebordos típicos, tem a parte central do aro mais grossa. A evolução faz-se no sentido da uniformidade da argola.



estudadas já por Oswaldo Freire<sup>29</sup>. Este tipo romano de fíbulas é muito comum e perdura até à época visigótica, como se infere do seu encontro em necrópoles de Segóvia dessa época<sup>30</sup>. Outra fíbula, do tipo de Aucissa, não tem fuzilhão (Est. I, 9) e a sua cronologia deve ser dos tempos do Alto Império<sup>31</sup>. Há ainda mais dois fragmentos de fíbula, de tradição pós-halstática (Est. I, 10), do tipo 4/D, de Wilhelm Schüle<sup>32</sup>.

De bronze apareceram ainda uma asa de balde, sem decoração, incompleta, de secção circular (Est. II, 1) e duas armelas. Uma destas não está completa. Faltando o espelho, restam apenas o travessão, decorado com ranhuras verticais e um sulco horizontal, e o olhal (Est. II, 2). A outra, completa, tem o olhal ligado directamente ao espelho oval, ornado com um rosto muito tosco e rodeado de ranhuras que simulam a barba e cabelo (Est. II, 3). Das peças de bronze mais curiosas devemos destacar um espelho de fechadura, talvez de cofre, de forma circular (Est. II, 4) com 7 cm de diâmetro e ornado de vinte e nove bolas em redor<sup>33</sup>; duas argolas, uma com 5 cm de diâmetro no interior e 7,8 cm no exterior, aproximadamente, ornamentada com uma linha de pontinhos cavados em todo o perímetro e em ambas as faces (Est. II, 5) e outra mais pequena, ornada com ss encadeados, também em ambos os lados, fundida, medindo 4,5 cm de largura pelo exterior (Est. II, 6). A primeira destas pode ser um bracelete, mas, por não ser aberta, talvez seja preferível considerá-la

---

<sup>29</sup> Oswaldo Freire, *Algumas fivelas de bronze do Museu Antropológico da Universidade do Porto*, Porto, 1965, sep. de «Actas do III Colóquio Portuense de Arqueologia».

Idem, *Análise química de quatro fivelas de bronze*, Porto, 1968, sep. do vol. XX dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia».

<sup>30</sup> R. G. Collingwood e Ian Richmond, *The Archaeology of Roman Britain*, London, 1969, pág. 300.

<sup>31</sup> L. Lerat, *Les Fibules Gallo-Romaines*, Besançon, 1956, pág. 23.

<sup>32</sup> W. Schüle, *Die Meseta — Kulturen Der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1969, pág. 143.

<sup>33</sup> Este ornato de bolas circundantes, muito frequentes no Baixo Império, aparece em outros espelhos de cofre. Cfr., por exemplo, *Espólio do túmulo 85 de Abville* — Heli Roosens, *Quelques Mobiliers Funéraires de la Fin de L'Époque Romaine dans le Nord de la France*, Brugge, 1962.

uma simples argola. Desconhecemos a função da menor. Podem ambas ser da época pré-romana, a primeira por não ter sido fundida e a segunda porque a sua ornamentação tem aspecto laténico.

Há ainda duas pequenas campainhas (Est. II, 7 e 8), incompletas, sem badalo, de tipo vulgar em níveis romanos e um fragmento de chocalho (Est. II, 9), possivelmente visigótico<sup>34</sup>. O cabo de uma pátera, que remata em cabeça de canídeo (Est. II, 10) é das mais importantes peças de bronze aparecidas. Foi já estudado e publicado por Russel Cortez<sup>35</sup> e é de época tardia. Atendendo à tipologia do cabo, a pátera teria aba larga e seria, talvez, semelhante ao tipo de Boesterd, 73, ou antes ao de Eggers, 155. Bem conservada, tem patine de cor azulada. Em bronze há ainda um conjunto de restos de cavilhas, agulhas e de outros, cuja identificação é difícil. Dentre estes, salientamos uma espécie de passador (Est. II, 11), talvez de arreios.

De Fiães existem ainda no Instituto de Antropologia três pesos de metal, dois de chumbo, que pesam 385 e 380 gr., em mau estado de conservação e que poderiam ter sido fios de prumo (Est. III, 1 e 2), e um outro, uma libra romana, em bronze, bem conservado, com uma bela patine azul cinza, em forma de esfera truncada em dois topos, o qual, segundo Carlos Teixeira, tem de altura 3,75 cm (Est. III, 3). O interesse deste objecto não deriva tanto da sua forma, que é muito comum nos pesos romanos. A boa conservação permite-nos avaliar o seu valor original, que seria, como agora, de 328 gr. Alguns autores, como Cagnat<sup>36</sup>, dão para a libra romana 327,45 gr. Porém, modernamente, Mário Lazzarini<sup>37</sup> defendeu que a libra romana equivalia a 323,258 gr., o que corresponde quase exactamente a este valor. É corrente estes

---

<sup>34</sup> Saturio Gonzalez Salas, *El Castro de Yecla en Santo Domingos de Silos* (Burgos), Madrid, 1945, Lámina XXII e pág. 31.

<sup>35</sup> Russel Cortez, *Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal*, Coimbra, 1950, págs. 29 e segs.

<sup>36</sup> Cagnat-Chapot, *Manuel D'Archéologie Romaine*, tomo II, Paris, 1920, pág. 256.

<sup>37</sup> Mário Lazzarini, *Metrologia Romana*, in «Conimbriga», vol. IV, Coimbra, 1965, pág. 83.

pesos estarem marcados numa das faces<sup>38</sup>. As siglas que o nosso apresenta, de que Carlos Teixeira encontrou três paralelos num de Córdova e em mais dois, um de Alfazeirão e outro de Gennadius, devem ser marcas de fabricante. As marcas do de Fiães são exactamente iguais às do de Córdova<sup>39</sup>.

No museu, há ainda objectos de ferro provenientes do castro, como um sacho, mas é tal a camada de ferrugem que os cobre que, sem uma limpeza prévia e cuidada, é impossível estudar as suas formas.

### Moedas

O material numismático exumado em Fiães é já muito abundante. O seu estudo terá que ser feito noutra ocasião não só devido ao grande número, como ainda porque as moedas precisam de ser limpas previamente. Embora haja referência ao aparecimento de moedas de ouro, as que conhecemos são todas de bronze e quase todas «pequenos bronzes», E4. Cerca de 500 estão inteiras e quase 300 fragmentadas. Excepção feita a um asse de Carisius, legado de Augusto na Península, emitido em 22 ou 21 a. C. e de um sestércio da Diva Augusta Faustina, todas as outras moedas aparentam ser do Baixo Império. Esta extraordinária abundância de numário tardio que não resultou, ao menos em parte, do encontro de qualquer tesouro, não deve explicar-se, relativamente a Fiães, só pelo aumento da circulação desse tipo de moedas, no séc. IV, mas também pela importância que o povoado adquiriu nessa época, o que o estudo do outro espólio confirma.

### Inscrições

Não se sabe localizar, com segurança, os locais de enterramento desta povoação romana, embora a topografia e algumas informações nos indiquem o lado sul. Foi, porém,

---

<sup>38</sup> Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, 4.<sup>a</sup> ed., pág. 358.

<sup>39</sup> Carlos Teixeira, *Um péso bizantino, inédito, de Braga*, sep. de «Alto Minho», n.º 3, Viana do Castelo, 1935.

dentro do recinto que, em 1958, se recolheu uma lápide fune-rária em granito. Tem inscrição, partida nas extremidades superior e inferior, estando por isso, provavelmente, incompleta a legenda, mas permitindo concluir do que resta que se trata de epígrafe funerária. O letreiro está gravado num campo rebaixado. Os caracteres não são de igual tamanho, andando, em média, pelos 7 cm de altura (Est. III, 4). Consegue ler-se:

B O V T I V S  
A B I N E S  
A . C  
H . S . E

Todas as letras estão legíveis, excepto a haste direita do A da segunda linha, que está bastante apagada. A interpretação não oferece dificuldades: *Boutius, filho de Abines, de cem anos, está aqui sepultado*. É muito provável que na parte superior da lápide estivessem as letras *DM* ou *DMS*. *Boutius* é um dos nomes indígenas mais frequentes no ocidente peninsular, na época romana, parecendo de origem céltica<sup>40</sup>. *Abines* está por *Abinis*, confusão frequente na nossa epigrafia. A terminação em *-is*, de que há muitos exemplos na Península, é um genitivo céltico<sup>41</sup>. O nome *Abinus* aparece em Córdova, em Cáceres, em Milão e a forma sem sonorização, *Apinus*, em diversas localidades hispânicas<sup>42</sup>. É possível que haja um *F* inscrito no *A*, primeira letra da 2.<sup>a</sup> linha.

Por volta de 1964, ao arrancar-se uma árvore, apareceu uma ara granítica, de aspecto bastante cuidado, dedicada a Júpiter. O letreiro está disposto em três linhas. O altar, que tem de altura 83 cm e de largura, na parte superior, 37 cm e

<sup>40</sup> Manuel Palomar Lapesa, *La Onomástica Personal Pre-Latina de La Antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, págs. 50-51. Ver também Jürgen Untermann, *Elementos De Um Atlas Antroponímico De La Hispania Antigua*, Madrid, 1965, págs. 72-73.

<sup>41</sup> Cfr. para este e outros casos, António Tovar, *Estudios sobre las primitivas lenguas hispanicas*, Buenos Aires, 1949, págs. 204 e segs.

<sup>42</sup> Manuel Palomar Lapesa, *ob. cit.*, e Maria de Lourdes Albertos Firmat, *La Onomástica Personal Primitiva De Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, págs. 2-3.

secção quadrangular, tem um *focus* ladeado por duas molduras em toro (Est. III, 5). Os caracteres medem cerca de 6 cm de altura. A leitura não oferece dificuldade:

IOVI  
OM  
PLL

*Optimo Maximo* é o epíteto mais frequentemente atribuído a Júpiter, cujo culto foi particularmente intenso no noroeste peninsular na época luso-romana<sup>43</sup>. A grande voga deste culto só pode explicar-se pelo facto de ser a divindade do panteão romano que melhor se adaptava ao sistema religioso dos povos desta região. Por ser o deus máximo era o que melhor poderia substituir os deuses tópicos e, por isso, quase absolutos dos castrejos.

A leitura não oferece dificuldade, mas a interpretação da última linha não é categórica. O nosso primeiro desdobramento foi: IOVI *O*(ptimo) *M*(aximo) *P*(osuit) *L*(actus) *L*(ibens). Esta interpretação apresenta aspectos pouco vulgares, não só porque *laetus libens* é uma fórmula um pouco estranha à Península, mas, sobretudo, pela ausência da menção do nome do ofertante, o que briga com o espírito jurídico que os romanos puseram também na religião e com os próprios hábitos das inscrições votivas. Como evitar esta dificuldade? Como atrás dissemos, é quase certo que a povoação de Lancóbriga do *Itinerário* de Antonino se localizava no sítio desta estação. Sendo assim, talvez o primeiro *L* da última linha significasse *Lancobriga* e o último *Libens*. Teríamos, então, uma ara dedicada pela povoação a Júpiter. Que o altar se destinava a estar colocado, isolado, em lugar de destaque, prova-o o encaixe que tem na parte inferior. Mas esta última hipótese reveste-se de outras dificuldades<sup>44</sup>, tanto mais que

<sup>43</sup> Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, 1913, págs. 222 a 232.

<sup>44</sup> Não conhecemos exemplo em que uma povoação dedique altares a Júpiter, embora muitas o façam a imperadores. Contudo, numa inscrição de Moncorvo, associa-se a «Civitas Banientium» ao culto de Júpiter. (Cfr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, 1913, pág. 233, nota 3).

a localização de Lancóbriga não está ainda seguramente definida.

### Cerâmica

O espólio ceramológico que apresenta características genuinamente castrejas não é muito abundante em Fiães. A ele pertencem vasos com asa interior (Est. III, 6) — uma das mais vulgares formas de cerâmica castreja — de que nesta estação apareceram dez fragmentos e, ainda, uma asa de tipo orelha <sup>45</sup> a qual resulta de uma saliência do bordo, furada (Est. III, 7) e um bordo muito micáceo. Possuímos também dois pedaços de vasilha, de cor escura, com decoração impressa com matrizes de triplo círculo (Est. IV, 1). A maior parte da cerâmica aparecida em Fiães é da época romana. O seu estudo será encarado noutra ocasião, mercê da grande abundância. Aqui pouco mais faremos do que uma enumeração.

Entre as muitas dezenas de fragmentos de «terra sigillata» recolhidos, só dois, segundo a nova tipologia de Goudineau <sup>46</sup>, podem ser atribuídos à produção aretina. São dois pedaços de bordo, um idêntico ao seu tipo 40A (Est. IV, 2), forma tardia cujo início de produção se pode situar no ano 15 da era cristã e o outro é a aba superior da sua forma 32, decorada a roleta, de impressão muito seguida e fina (Est. IV, 3). De sud-gálica precoce possuímos dois fragmentos, um dos quais pode atribuir-se à forma Dragendorff 17 (Est. IV, 4). De sud-gálica há dois pés, um dos quais com a marca OF CAST (Est. IV, 5), segundo a leitura de Serpa

---

<sup>45</sup> As vasilhas destes dois tipos, que apresentam externamente sempre vestígios de fogo, estariam suspensas pelas asas sobre a fogueira. A asa de tipo orelha foi usada anteriormente em vasilhas metálicas (tipo Eggers 44, por exemplo). A cerâmica destes dois tipos é frequente em níveis castrejos romanizados.

<sup>46</sup> Christian Goudineau, *La Céramique Aretine Lisse*, Paris, 1968, pág. 307.

Pinto<sup>47</sup> e também de Bairrão Oleiro<sup>48</sup>. Castus foi um oleiro de Graufesenque, da época claudio-vespásiana, na opinião de Oswald<sup>49</sup>. Rui de Serpa Pinto fala de um fragmento de «sigillata» de Fiães com a estampilha de CRESTVS, oleiro do mesmo local e época do anterior<sup>50</sup>. Nos citados apontamentos inéditos, este notável investigador refere ainda a marca OF SEM..., talvez do oleiro hispânico *Sempronius* que não conseguimos encontrar entre outros fragmentos que se guardam no museu.

A quase totalidade dos fragmentos de «sigillata» é de produção hispânica. Cerca de três dezenas de restos pertencem à forma Dragendorff 15/17, oito dos quais mostram ainda parte do pé. Os fragmentos desta forma são os mais frequentes em Fiães. Da forma 27, que noutras estações costuma ser a mais frequente, há dezasseis fragmentos, da Ritterling 8, três fragmentos; dois da forma Dragendorff 36 e da 35 apareceram dois bordos, decorados com folhas, feitas a barbotina. Além destes, há uma colecção de quase uma centena de pequenos fragmentos, hispânicos, na sua maior parte de classificação duvidosa e que, devido à sua má qualidade, serão, geralmente, de época tardia. Todos os restos de «sigillata» decorada, que não é abundante, são hispânicos. Seis deles já foram publicados por Adília Alarcão: dois da forma 29 e quatro da forma 37. Além destes, há ainda mais seis fragmentos decorados, um possivelmente da forma 29, tem um javali (Est. IV, 6), dois, talvez da forma 37, têm círculos entrecruzados (Est. IV, 7 e 8) e os quatro restantes são de classificação muito difícil, devido às suas reduzidas dimensões. Numa perspectiva global podemos, pois, dizer que a quase totalidade da «terra sigillata» é hispânica e, em

---

<sup>47</sup> Cfr. Apontamentos manuscritos existentes no museu anexo ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.

<sup>48</sup> J. M. Bairrão Oleiro, *Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal*, in «Revista de Guimarães», vol. LXI, 1951, pág. 88.

<sup>49</sup> Oswald, *Index of Potters' Stamps on Terra Sigillata*, London, 1946, pág. 368, onde cita este fragmento de Fiães, Feira.

<sup>50</sup> R. de Serpa Pinto, *Museu de Martins Sarmento*, sep. da «Revista de Guimarães», 1929, pág. 22.

grande parte, atendendo ao verniz, formas e decoração, de época tardia e bastante semelhante a tipos cuja área de difusão se encontra no centro-norte de Espanha.

*Sigillata clara:*

Não vimos quaisquer vestígios de «sigillata» clara A e a clara B, do tipo de Conimbriga, é rara, estando representada por três fragmentos, dois talvez da mesma tijela, decoração feita com roleta, profunda, sendo o outro um bordo de prato, semelhante a um exemplar de Conimbriga apresentado por Manuela Delgado<sup>51</sup>. A clara C, cuja produção se inicia a partir dos meados do séc. III, é mais frequente. Há cerca de duas dezenas de pequenos fragmentos, alguns dos quais pertencem à forma 40 de Lamboglia.

Atestando a grande importância que o castro terá tido durante o séc. IV, além da abundância de moedas, vidro<sup>52</sup> e cerâmica comum destes tempos há grande frequência de clara D e suas imitações. A forma mais comum é a 54 de Lamboglia, de que contamos catorze pedaços de bordo. Existem ainda nove fragmentos imitativos desta forma, embora, por vezes, de tamanho mais reduzido. Da forma 51 há sete fragmentos, três dos quais com pequenas caneluras verticais, pouco altas; à forma 52 pertencem oito pedaços de aba de prato. Desta há três imitações; da forma 57 possuímos sete pedaços, da 38, quatro, da 9b oito fracções, possivelmente do mesmo prato. Há ainda algumas imitações da forma 57 e da 51 há uma imitação com engobe cor de vinho. Além dos referidos, há ainda cinquenta e dois pequenos fragmentos de clara D, cuja publicação se fará oportunamente. Salientemos ainda a existência de um pequeno fragmento dum género a que Gabriela Martin chama «terra sigillata clara estampada

---

<sup>51</sup> Manuela Delgado, *Terra Sigillata Clara de Conimbriga*, Coimbra, 1967, n.º 20, estampa 2.

<sup>52</sup> O vidro de Fiães exposto no museu de Antropologia foi publicado por Jorge Alarcão. Há, porém, outros fragmentos a publicar futuramente, um dos quais gravado (des.) pertencerá a uma forma do tipo Isings 116.



con ruedecilla», espécie de prato fundo (Est. IV, 10), com decoração interior<sup>53</sup>. Da forma 42 há um bordo e uma imitação.

A colecção de cerâmica vermelha estampada de Fiães é já das mais importantes do norte de Portugal e vai reproduzida em desenho e fotografia. Além de mais de metade de um prato da forma 51 (Est. V, 1) e (grav. Est. X), possuímos onze fragmentos, decorados com matrizes diferentes, constando de palmetas, círculos, quadriculados (Est. V, 1 a 12).

### *Lucernas*

Não são abundantes, até ao momento, os restos de lucernas. O exemplar em melhor estado de conservação foi já publicado por Carlos Teixeira<sup>54</sup> e J. A. Ferreira de Almeida<sup>55</sup>. A pasta é de cor branco sujo, engobe pouco aderente e tom laranja acinzentado. Trata-se de uma lucerna de disco, do tipo Walters 30, com asa perfurada, partida. Esta implantava-se sobre a margo, que está profusamente decorada com círculos e ornatos escalariformes (Est. VI, 1 e 2). O disco, partido, tem parte de uma roseta com dezasseis gomos. Pelo seu formato perfeitamente ovalado é do tipo que lembra as produções gregas do séc. IV<sup>56</sup>. Não deixa de ser notável no Ocidente uma decoração tècnicamente tão esmerada e fina neste tipo de lucerna. O bico tem claros sinais de fogo.

Além desta, há ainda um fragmento de infundíbulo, datável da 2.<sup>a</sup> parte do séc. I, pasta esbranquiçada, sem engobe, com orla decaída para fora e separada do disco por

---

<sup>53</sup> Cfr. G. Martin de Castillo, in «IX Congresso Nacional de Arqueologia», Zaragoza, 1966, págs. 858-366.

<sup>54</sup> Carlos Teixeira, *op. cit.*, págs. 3-4.

<sup>55</sup> J. A. Ferreira de Almeida, *Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal*, in «O Arqueólogo Português», Nova Série, II, Lisboa, 1953, estampa 44, n.º 219, pág. 187.

<sup>56</sup> Cfr. Philippe Bruneau, *Les Lampes de Délos*, Paris, 1965, lâmpadas n.ºs 4675 e segs., pág. 117.

uma fina moldura (Est. VI, 3). Existem ainda um pedaço de lucerna com asa perfurada e parte de um infundíbulo (Est. VI, 4) e um resto de bico.

Outras variedades de cerâmica com influência romana: conhecemos alguns fragmentos de ânforas que, pelas asas longas, coloração esbranquiçada e forma dos lábios, serão dos bons tempos imperiais (Est. X, 4 a 8). No fundo de uma há um B, feito antes da cozedura (Est. VI, 5).

#### *Olaria de tradição local*

Entre as espécies mais antigas, além de um bordo dos princípios do séc. I, cujo centro produtor estaria no centro da Lusitânia (Est. VI, 6) e (Est. X, 1 e 2) estará a cerâmica cinzenta com decoração brunida (Est. VI, 7, 8 e 9). Embora as origens do fabrico desta cerâmica se possam procurar em zonas do centro do país, porque é vulgar em Conimbriga e Figueira da Foz, a que encontramos em castros como Ul, Fiães, Romariz, Sanfins, etc., se bem que utilize a mesma técnica decorativa e até temas semelhantes, não é de tão bom toque nem emprega regularmente as formas carenadas típicas daquela, embora na forma das asas haja bastante semelhança (Est. VII, 1 e 2). De resto, em Romariz ela apareceu em níveis bem romanizados<sup>57</sup>. A própria cerâmica cinzenta de Fiães varia bastante no toque, espessura de parede e aspecto decorativo, indicando uma longa perduração e declínio, mais do que, talvez, uma diversidade de centros produtores<sup>58</sup>. Também a maior frequência desta cerâmica nos castros a sul do Douro leva-nos a colocar nesses lados o seu foco de irradiação. Dentre as formas mais curiosas desta cerâmica, que se encontra muito partida, temos uma aba que parece imitar uma 27 e dois pés, talvez de páteras (Est. VII, 3 e 4).

<sup>57</sup> Já José Fortes concluiu que tal cerâmica pertencia à época da romanização. Cfr. *Restos de uma «villa» Lusitano-romana*, in «Póvoa de Varzim» (Boletim Cultural), vol. III, 1969, n.º 2, pág. 337.

<sup>58</sup> A recente escavação a que se procedeu e cujo relatório será publicado no próximo número desta revista parece confirmar o que acabamos de referir.

*Vasos grandes*

Os seus fragmentos não são muito frequentes, embora haja alguns bocados de *dolia* de grande tamanho (Est. X, 1, 2, 3).

*Cerâmica pintada*

Entre a mais interessante cerâmica aparecida em Fiães deve colocar-se a pintada, muito variada, que aparece cedo, embora tenha o seu apogeu no séc. IV. Não vimos qualquer fragmento que revele nítida influência da cerâmica ibérica ou semelhante à cerâmica pré-romana, pintada, de Conimbriga ou Figueira. Um fragmento de bom toque, pasta a tender para o rosado, coberto de engobe branco, pode comparar-se a uma cerâmica de Conimbriga do mesmo tipo e época dos fins da República (Est. VII, 5). Tem um grafito — B. Além deste há outros grafitos, em «terra sigillata» (Est. VII, 6, 7 e 8).

Outro tipo de cerâmica pintada tem pasta esbranquiçada, apurada, embora de fraco toque e é decorada com traços cor de vinho. A este tipo pertence um fragmento de prato, forma que revela influência da sigillata clara D e decorado com traços circulares (Est. VII, 9). A grande variedade de cerâmica pintada pertence a época tardia, podendo salientar-se uma vermelha, de paredes relativamente finas, decorada com linhas horizontais, meandros, ziguezagues, quadriculados, traçados a branco. Deste tipo possuímos fragmentos de duas bilhas<sup>59</sup> de dupla asa (Est. VII, 10). Neste género de cerâmica encontram-se, por vezes, linhas ornamentais feitas de cor escura, com tonalidades azuladas. Ê nesta cor que temos desenhos em dois fragmentos de *ollas*, em que se associam linhas verticais com horizontais, ondulados e ziguezagues. A pasta destes é de bom toque, apurada e muito bem polida, tendo uma coloração alaranjada escura (Est. VIII, 1) e (Est. XI, 3).

---

<sup>59</sup> Uma dessas bilhas esteve exposta a quando do 2.º Congresso Nacional de Arqueologia. Cfr. *Dez Anos de Actividade Arqueológica*, Coimbra, 1970.

Pelo tipo de vaso e pela boa qualidade, é possível que seja da mais antiga cerâmica pintada de Fiães<sup>60</sup>.

Outro tipo de cerâmica pintada e muito vulgar nas necrópoles luso-romanas desta zona é o das bilhas decoradas, geralmente com traços horizontais, brancos e cor de vinho. Ela é, em regra, de paredes bastante finas, pasta relativamente apurada e amarelada (Est. VIII, 2, 3). Este hábito de decoração bicolor aparece ainda numa cerâmica menos apurada, mas de melhor toque e paredes mais espessas, cor de tijolo (Est. VIII, 4).

Desta mesma qualidade, com idêntica pasta e tonalidade, há alguns vasos com decoração feita a seixo, brunida, de traços geralmente rectilíneos. A identidade supra referida prova-se até porque, por vezes, a decoração a branco se associa com esta (Est. VIII, 5).

### *Almofarizes*

Uma das formas de cerâmica que aparece bastante é a dos almofarizes, que devem ser de época tardia pela pasta, tipo de decoração sobre a gola e porque, em um ou outro exemplo, há restos de vidrado. No museu há seis fragmentos de peças deste tipo com algumas variantes, seguindo mais os modelos da «terra sigillata» sud-gálica do que os almofarizes em clara D (Est. VIII, 6 e 7) e (Est. IX, 1). No povoado apareceram ainda várias pedras com sinais de terem servido para pisoar. Os almofarizes no norte do país, segundo parece, tornam-se vulgares tardiamente<sup>61</sup> e devem ligar-se a hábitos culinários novos. O esmagamento fazia-se também em tigelas, de que em Fiães apareceram vários exemplos, de pasta vermelha com manchas escuras, de muito boa cozedura e que

---

<sup>60</sup> Pelos ornatos feitos a preto, sua distribuição, pela forma da vasilha de que fazia parte, qualidade da pasta, cozedura e polimento, parece-nos de boa época imperial (séc. I), embora só futuras escavações nos possam esclarecer sobre o assunto.

<sup>61</sup> A título de exemplo, veja-se o espólio de «O Picoto de Santo Amaro», geralmente tardio, onde apareceram vários. J. Salgado Guimarães, in «Revista de Guimarães», LXXX, 1970, pág. 145.

imitam a forma hispânica tardia da 37, sem decoração e de que daremos maior notícia pròximamente (Est. VIII, 8).

Há ainda outra cerâmica, esbranquiçada, de aspecto medieval, com decoração da época visigótica (Est. VIII, 9 a 12).

Dos seis cossoiros, quatro são o resultado do aproveitamento de restos de cerâmica e só dois foram feitos intencionalmente. Quase duas dezenas de pesos de tear, em cerâmica, de tipo trapezoidal, com um ou dois furos, de peso bastante desigual, podem indicar uma certa importância da fiação no local.

### EPILOGO

Se é necessário esperarmos pelos resultados da escavação em curso para esclarecer melhor os aspectos da evolução do povoado e para definir formas, tipos e percentagens de cerâmicas, o espólio conhecido e aqui sumariamente apresentado, permite dar já uma noção aproximada da história da povoação, que arrancando da época do bronze, cresceu nos sécs. III e, sobretudo IV, da nossa era <sup>62</sup>. A presença de uma razoável colecção de «sigillata» hispânica tardia, clara D e estampada, de grande quantidade de moedas, de vidro, embora muito fragmentado, do séc. IV, faz com que tudo se conjuge para localizarmos aí a Lancóbriga, tanto mais que, como já referimos, a distância geográfica indicada pelo *Itinerário* de Antonino, de Cale a Lancóbriga, abona esta hipótese. Pelo estudo da cerâmica de Fiães do séc. IV notamos que aí se encontraram influências do sul e do norte peninsular. Se a clara D e a estampada podem ser de procedência norte afri-

---

<sup>62</sup> A transformação dos povoados no século IV não se verifica só em Fiães, mas também em Conimbriga e em toda a zona da meseta castelhana (Palencia, Clunia, etc.). Cfr. Pedro de Palol, *Estado de La Investigación Prehistorica y Arqueologica en la Meteta Castellana*, in «Congresso Nacional de Arqueologia», Zaragoza, 1966, pág. 34.

cana, a «terra sigillata» hispânica tardia desta estação é comparável a outra de Navarra e Norte de Espanha. O aparecimento tardio de almofarizes e de vasos de grande tamanho (*dolia*) (gravs. 3, 4, 5) deve estar ligado a novos hábitos alimentares e a transformações económicas. No museu de Antropologia guardam-se conchas de berbigão e ossos, talvez restos de cozinha, encontrados conjuntamente, atestando a importância do mar na vida desta povoação que, de resto, já conhecíamos por outros dados.



1



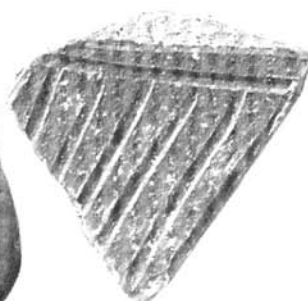
2



3



4



5



6



7



8

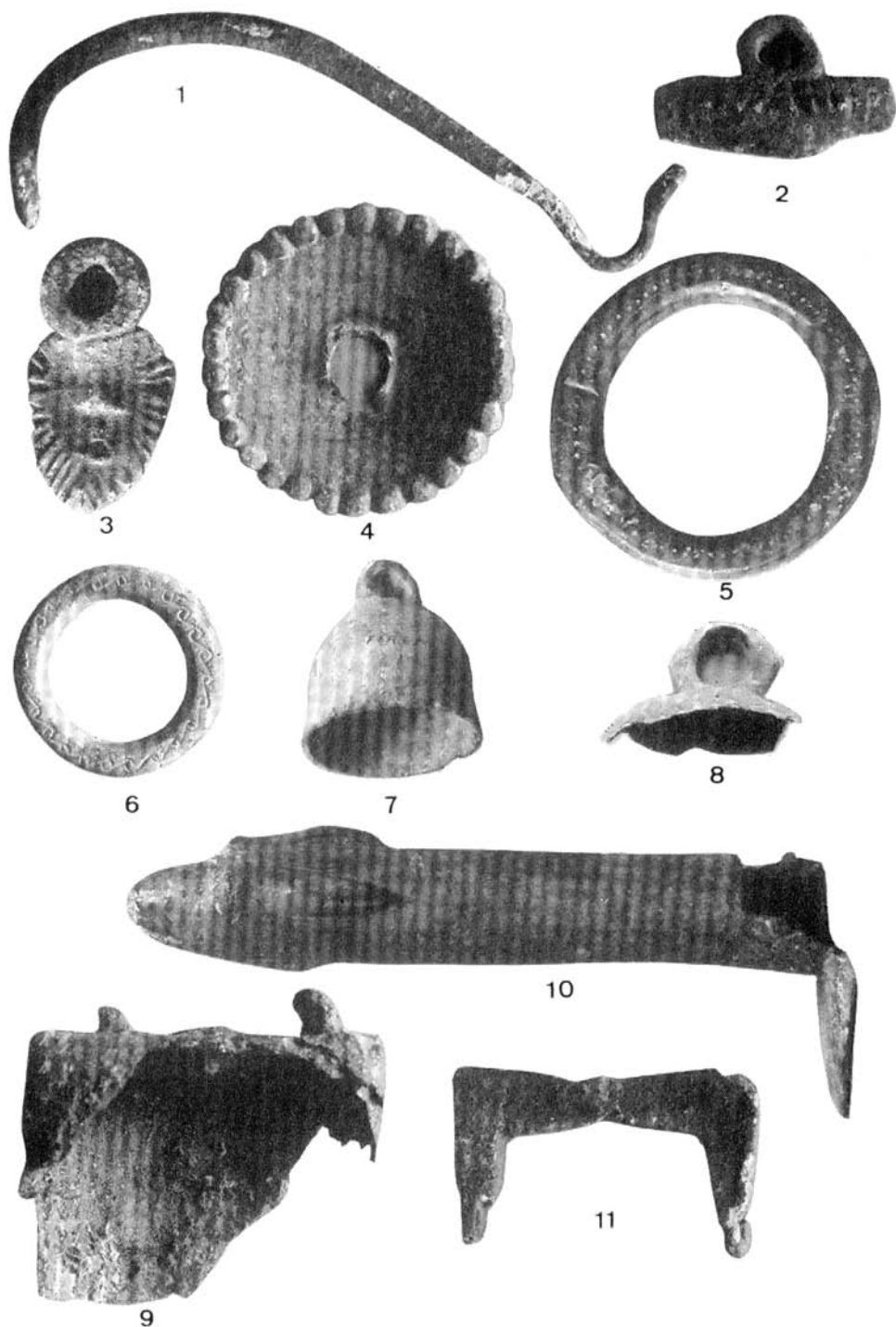


9



10

Escala 2:3, excepto as fot. 1, 2, 3







1



2



3



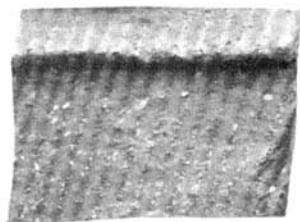
4



5



6



7



1



2



3



4



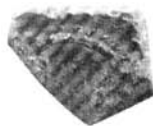
5



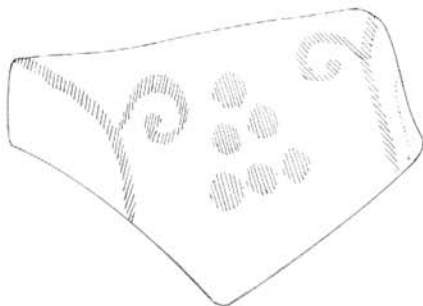
6



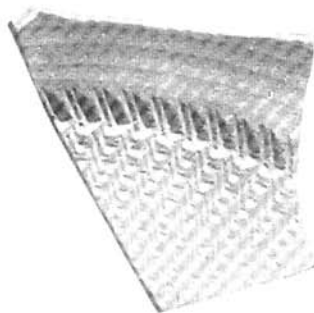
7



8

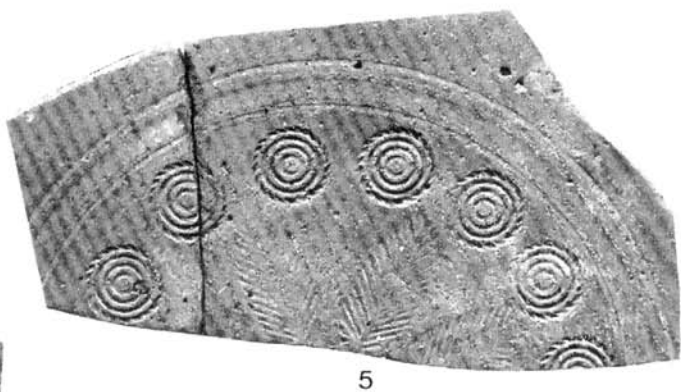
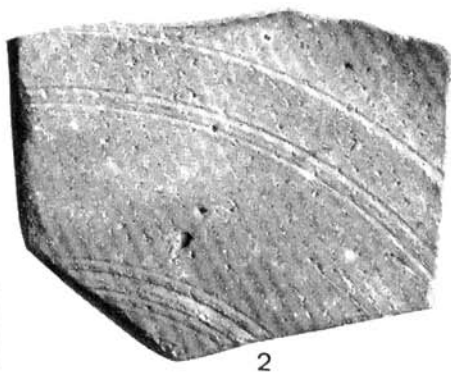
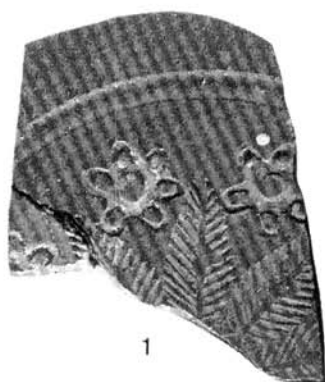


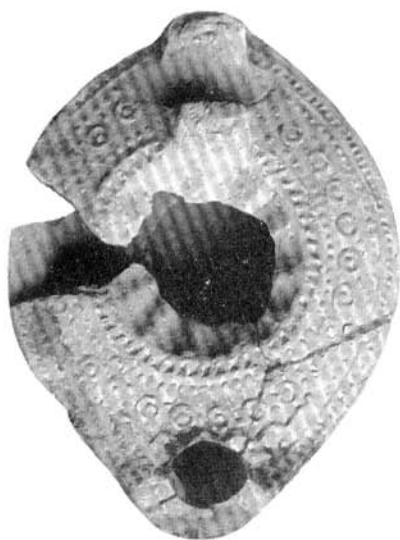
9



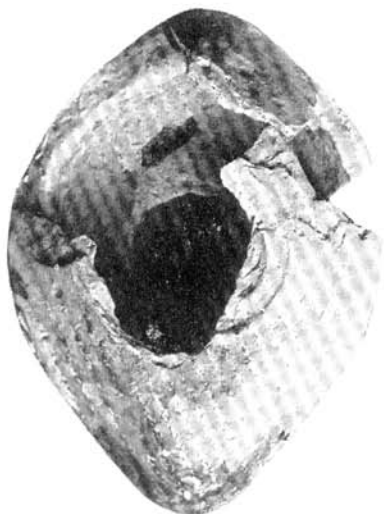
10

Escala 2:3, excepto a n.º 9 que tem tamanho natural

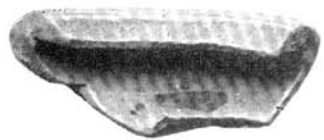




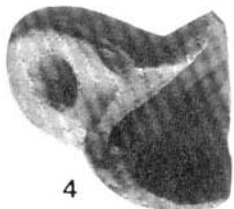
1



2



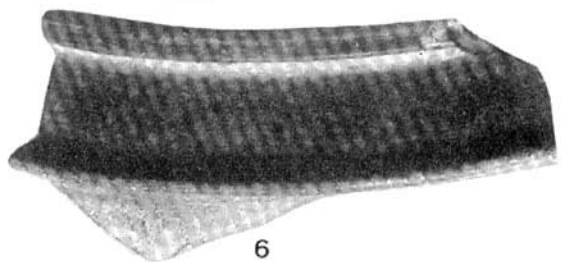
3



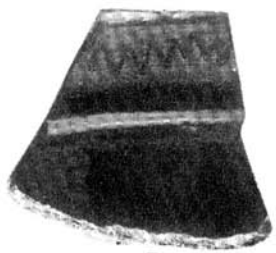
4



5



6



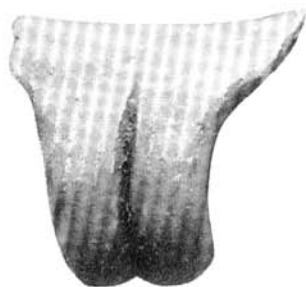
7



8



9



1



2



3



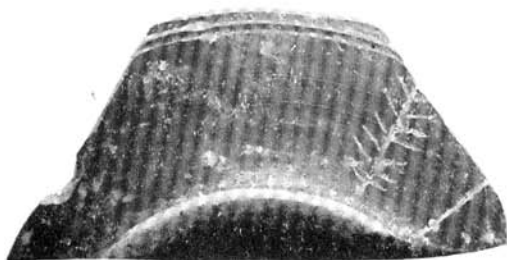
4



5



6



7



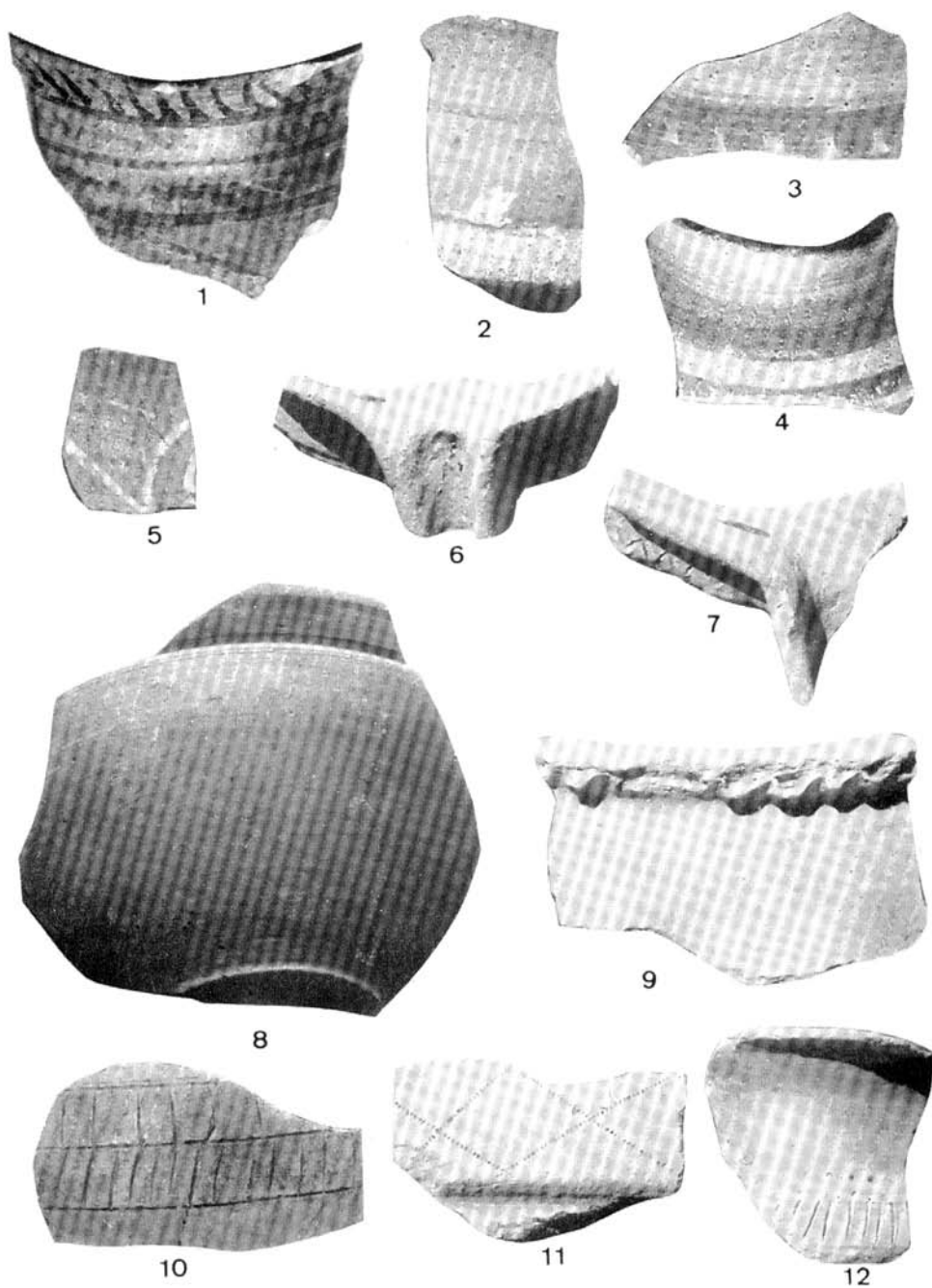
8

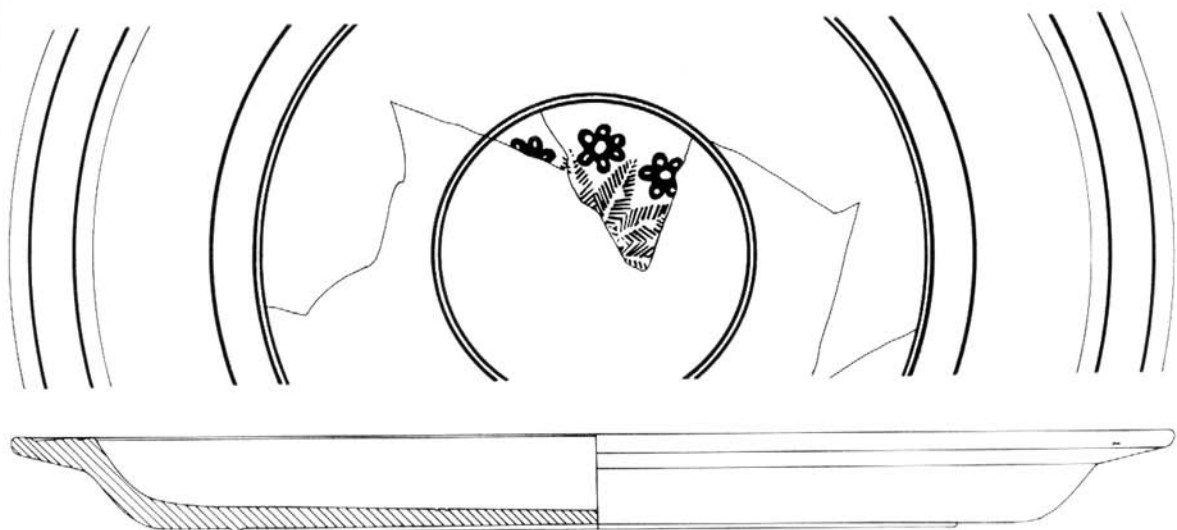


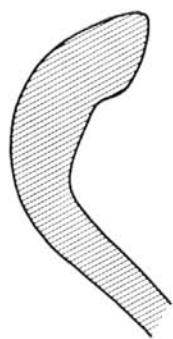
9



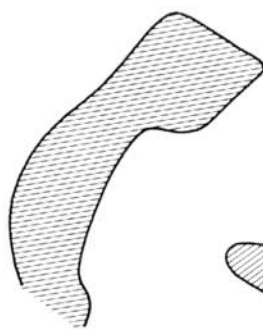
10



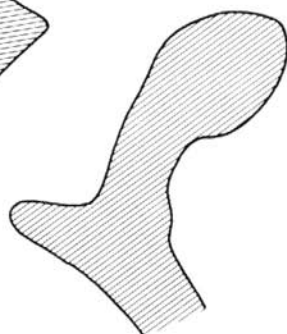




1



2



3



4



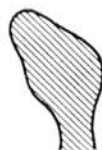
5



6



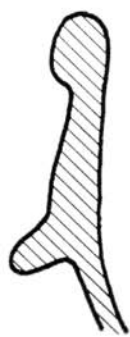
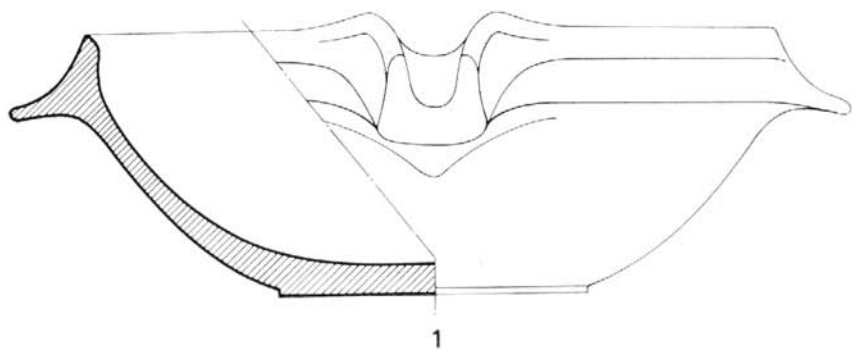
7



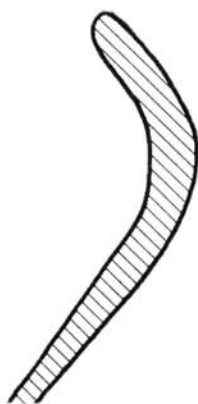
8

Escala 1:2

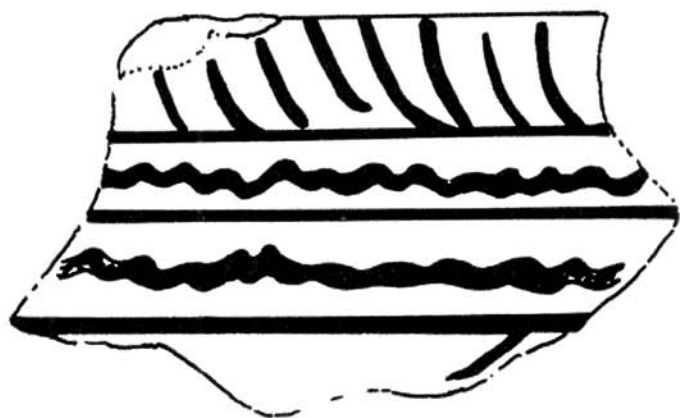




2



3



4

Escala 1:1 excepto o n.º 1 que está em 1:2